

Vida é Dança no Cenário Carioca

Maria Inês Galvão Souza

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UNIRIO

Doutoranda - Processos e Métodos da Criação Cênica – Or. Profa. Dra. Evelyn Furquim Werneck Lima

Professora do Departamento de Arte Corporal – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Os espaços de dança de salão na cidade do Rio de Janeiro são marcados por um preenchimento dinâmico de memórias, tradições e inovações. O objetivo deste artigo é analisar a importância da dança de salão no universo dos atores sociais a partir de discursos e imagens registrados no filme curta metragem *Vida é Dança no Cenário Carioca* (parte da pesquisa intitulada *Espaços de Dança de Salão no Cenário Urbano da Cidade do Rio de Janeiro: Tradição e Inovação na Cena Contemporânea*). Observamos que os atores sociais experimentam cada espaço de dança de salão como um grande palco e realizam suas performances acreditando no domínio de sua arte. Registramos, durante a pesquisa, imagens sobre o universo desses atores sociais, que, mantendo seus códigos e regras, conseguem manter uma linguagem acesa.

Palavras-chave: Dança de salão, Tradição, Inovação

Este artigo busca analisar o universo da linguagem da dança de salão a partir da realização do filme *Vida é Dança no Cenário Carioca*, no ano de 2010. As imagens dos espaços de dança de salão registradas no filme podem desmitificar a representação da dança de salão como fenômeno essencialmente tradicional apropriado pelos idosos.

O texto construído pelas imagens na Gafieira Estudantina Musical sintetiza o discurso dos atores sociais que, apesar de considerarem a Estudantina como um dos berços da dança de salão da cidade do Rio de Janeiro, conseguem dialogar com as inovações necessárias à sobrevivência dessa arte popular no caótico cenário urbano do Centro da Cidade.

Por outro lado, as imagens capturadas na Academia de Dança Jimmy de Oliveira, apresentam claramente uma nova lógica de realização do baile, que possibilita uma espécie de democratização da dança a partir de sua comercialização. O baile de ficha ressalta uma ideia aparentemente transgressora de que a dama pode escolher o seu cavalheiro, pagando por cada música dançada com ele. Entretanto, observamos que o mesmo jogo performático dos bailes tradicionais é utilizado nas relações dos pares: o cavalheiro convida para a dança, a dama aceita e entrega a ficha que corresponde ao pagamento, de forma muito discreta. As damas não querem ser chamadas de senhoras e nas entrevistas, não nos foi permitido perguntar sobre a idade das mesmas.

Ao investigar o conjunto de transformações do universo da dança de salão, observamos alguns elementos para análise desse universo que sintetizam sua complexidade: a utilização de diferentes espaços, os diferentes códigos de comportamento,

os movimentos dos passos, sua escolarização e as regras dos salões. Assim, foi produzido o filme *Vida é Dança no Cenário Carioca*, um filme de 19 minutos que mistura imagens de dança, entrevistas e espaços do entorno dos bailes.

As contradições expressas no filme indicam que o campo está em transformação e buscando sua legitimidade como espaço de lazer, profissão e linguagem. Os atores sociais começam a questionar suas próprias representações e as inovações que diluem muitas vezes algumas tradições que eles querem afirmar como verdades.

Compreendemos o sentido de reafirmação desse território identitário na medida em que os meios de comunicação que organizam e manipulam o mercado global fazem com que as identidades se tornem desvinculadas de um tempo, como nos afirma Stuart Hall (2003), elas parecem “flutuar livremente” (p. 75). Observa-se um esforço dos profissionais e amantes dessa manifestação popular para a criação de espaços de diálogo entre as marcas da tradição dessa expressão e as inovações e adaptações culturais necessárias para que essa linguagem esteja em sintonia com as atuais condições de existência da arte popular na contemporaneidade.

O filme inicia mostrando um pouco a preparação para o baile. As imagens se misturam e se complementam dando sentido ao início do ritual, o ritual do baile de dança de salão. É uma introdução que apresenta os espaços e a ambiência que serão exibidos posteriormente. A primeira fala, de um cavalheiro de ficha, aborda o sentido da dança, como sentido de vida. No decorrer das imagens, percebemos que a vida é imbricada à arte de dançar nos palcos dos bailes.

As imagens em movimento do entorno da Estudantina, Praça Tiradentes, e da Academia Jimmy de Oliveira, Bairro do Catete, misturam-se às imagens de um casal em movimento, dançando. O tempo e o movimento das ruas que se mesclam ao tempo de duração das músicas ou dos movimentos da dança mostram os contrastes entre os espaços externo e interno dos bailes. O tempo externo ao baile é acelerado e as durações temporais dos salões de dança estão totalmente relacionadas ao prazer de cada acontecimento.

Entre movimentos e pequenas pausas na dança, afirma o cavalheiro que a dança é o seu esporte preferido. Segundo o ator social, ela é a sua única forma de diversão. O cavalheiro expressa em suas imagens dançando, um grande prazer no relacionamento com sua dama, expressão singular daquele que assume no discurso e na experiência viva sua paixão pelo movimento.

Nos discursos ressaltados no percurso do filme, os atores sociais incorporam a tradição à própria existência da dança, associando suas vidas a essa vontade de manutenção da linguagem. As imagens registradas dos pés dos dançarinos marcando os passos ao som de um bolero se confundem com as imagens dos pés caminhando na Rua

do Catete. São pessoas comuns, pessoas que preenchem o salão com suas histórias de vida que também preenchem os espaços das ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Apesar das recorrências em diferentes bailes de dança de salão, novos arranjos estão constantemente surgindo. Aliás, seria um equívoco considerar “tradicional” como sinônimo de estaticidade. Eric Hobsbawm e Terence Ranger nos esclarecem o sentido das tradições quando afirmam que:

Muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. (...) Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (2002, p. 9).

A partir do conceito de tradição desenvolvido pelos autores, passamos a identificar nos discursos a valorização das tradições que revelam a intenção de manutenção e revitalização de regras e códigos de suas práticas. Como um dos exemplos de uma grande inovação da dança de salão, a produtora do baile de ficha aponta que: “A dança de salão tornou-se uma profissão. Esses profissionais são contratados para dançar. O que acontece com a pessoa que não tem um cavalheiro ou não quer contratar um profissional? Ela vai para o baile de ficha” (comunicação pessoal, 2009).

As imagens que se seguem mostram uma dama entregando uma ficha para um cavalheiro. Essa mudança de sentido do lazer para o sentido do trabalho está apontada também no discurso dos cavalheiros de ficha que afirmam que dançavam inicialmente por diversão, tornando-se posteriormente uma profissão. Alguns afirmam conciliar a diversão com a profissão, relatando ainda que a maior renda atualmente provém das atividades com a dança de salão. Observamos que a própria ambiência de um baile também gera um mercado profissional que o sustenta. Segundo a DJ do baile de ficha: “Cada música é uma ficha, então o baile de ficha tem isso: o faturamento da casa depende da música que você toca” (comunicação pessoal, 2009).

A dama de ficha destaca em seu discurso o sentido de espetacularização da dança. Ela afirma que essa dança “mais bonita” está levando as pessoas para as academias: “Com o crescimento do número de professores, foi se criando movimentos para se valorizar mais a dança. Então a dança ficou mais bonita, mais espetáculo. As pessoas acham lindo e querem dançar” (comunicação pessoal, 2009). Observamos nos salões dos bailes passos bastante refinados tecnicamente que precisam de uma aprendizagem formal dos códigos para que se transformem em comunicação entre os dançantes.

Quando os atores sociais abordam questões relacionadas às mudanças na dança de salão, percebemos a tentativa de preservar tradições, entretanto, legitimando

novos estilos, identificando novos nomes e novos espaços de dança entre outros elementos que se colocam como fundamentais e polêmicos no campo da dança de salão.

As damas da Estudantina avaliam de forma complexa as transformações da dança na cidade do Rio de Janeiro. Segundo uma delas, o estilo modificou bastante, porque as próprias academias influenciam muito os alunos, assim, o estilo de cada professor influenciaria a dança dos alunos. Outra dama entrevistada fala sobre uma das maiores mudanças no contexto atual da dança de salão carioca: “(...) antigamente as damas eram tiradas para dançar e agora não, agora elas têm que contratar um homem para dançar. Mudou muito” (comunicação pessoal, 2009).

O cavalheiro de contrato ainda reafirma esse movimento: “Virou um comércio. Eu só danço se me pagarem” (comunicação pessoal, 2009). Percebemos que a lógica se inverteu. Na década de 1950 eram os homens que pagavam as damas intituladas *taxi girls*. Hoje são as mulheres que pagam pelas danças. Essa inversão é questionada pelo campo, pois compromete a noção de poder exacerbada nos relacionamentos entre homens e mulheres, principalmente na dança de salão, em que o discurso impõe à mulher a submissão no seu papel de dama. Como se inverte a lógica, quando a dama escolhe seu cavalheiro e paga a sua dança, a avaliação de alguns atores sociais é de que essa mudança deve ser banida da dança de salão. Entretanto, segundo as damas, esse é um mal necessário.

Os espaços de dança de salão na cidade do Rio de Janeiro são marcados por um preenchimento dinâmico de memórias, tradições, adaptações e inovações. Observamos no filme *Vida é Dança no Cenário Carioca*, espaços híbridos preenchidos por diferentes e significativas histórias de vida. Espaços que se desvinculam de um tempo cronológico e criam novas durações. Os atores sociais experimentam cada espaço como um grande palco e nele realizam suas performances acreditando no domínio de sua arte. A dança de salão é uma linguagem corporal repleta de códigos estabelecidos ao longo do tempo. A dança acontece a partir do toque. O toque se revela a partir da dança. Corpos juntos, unidos pelo toque e pela experiência estética da dança. Assim, intensificando e ampliando as relações entre seus pares, criam identidades, mantêm seus códigos, valorizam suas regras e dessa forma conseguem manter essa linguagem viva e acesa. A linguagem assim se estabelece de maneira bastante complexa: codificada e aberta, homogênea e heterogênea, local e global, matizada pela influência de seus grandes mestres. Mas é assim, preenchendo os espaços com dança, que ela continua sendo a arte da vida do cidadão carioca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 3ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.